



GÊNEROS

E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczek Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Data de aceite: 20/09/2022

Marcelo Chaves Soares

Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

Texto apresentado inicialmente no VII Simpósio Internacional Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas

RESUMO: O presente artigo pretende refletir os impactos do processo de redesignação sexual na vida de uma mulher *trans*¹. Nesse sentido, pretende-se descrever a construção do conceito de gênero enquanto categoria de análise; avaliar os dados relativos ao número de cirurgias de redesignação sexual realizadas no estado do Espírito Santo; discutir as narrativas da mulher em questão, da sua tomada de decisão até o pós-cirúrgico. A pesquisa ampara-se no pensamento de Judith Butler sobre construção da subjetividade, a atuação da lei simbólica sobre o sexo e o gênero e a materialização da performatividade de gênero e de sexo, demonstrando o poder dos discursos na constituição do corpo do sujeito como um ser social. A mulher *trans* em questão,

constitui-se como autora do trabalho, relatando sua experiência e vivência a partir do novo corpo que se constituiu antes e depois da cirurgia, sendo esta, portanto, uma pesquisa narrativa, de natureza qualitativa. Assim considerando, a mulher *trans* se coloca como pessoa em constante transformação, assim como seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Redesignação sexual; gênero; materialização.

INTRODUÇÃO

Os estudos dos gêneros e das sexualidades visam lançar nova luz sob as nuances da sexualidade humana, bem como a suas representações das identidades de gêneros, que são plurais e configuram-se como construtos sociais. No entanto, historicamente falando, nem sempre foi assim, visto que, durante muito tempo, esses estudos ficaram a cargo das ciências médicas, que construíram discursos acerca da sexualidade e do gênero (FOUCAULT, 2019), criando-se binarismos como macho/fêmea, homem/mulher, onde esses não poderiam ser pensados sob outra perspectiva; assim, os sujeitos que não se adequassem a esse discurso, eram considerados anormais, segregados, excluídos e tidos como abjetos (BUTLER, 2019a). Neste trabalho, estudamos os impactos do processo de redesignação sexual na vida de uma mulher *trans*, perfazendo

1. O termo *trans* aparecerá no texto em destaque e o mesmo é proposital. Da mesma forma, o prefixo *trans*. Objetivamos destacar a potência da transformação nos sujeitos de uma forma geral

todo o trajeto vivenciado por ela, que também se constitui como sujeito da pesquisa. Sendo assim, descrevemos a construção do conceito de gênero enquanto categoria de análise dentro das Humanidades; avaliamos os dados relativos às cirurgias de redesignação sexual no estado do Espírito Santo, além de discutir as narrativas da mulher *trans*, desde a sua tomada de decisão até o pós-cirúrgico.

Para tanto, utilizamos a teoria de Judith Butler (2019a) sobre o processo de sujeição dos indivíduos, até tornarem-se sujeitos; a atuação da lei simbólica sobre o sexo e o gênero e a materialização da performatividade de gênero e de sexo, esclarecendo como os discursos amparados pelo poder contribuem para a constituição dos corpos de indivíduos sociais.

A metodologia dá ao trabalho identidade qualitativa, sendo assim, de primeiro momento é realizado uma revisão bibliográfica sobre o tema a fim de compreender o surgimento da categoria gênero no campo de análise científica das Ciências Humanas, em seguida é feito um levantamento dos dados de cirurgias de redesignação sexual no estado do Espírito Santo e, por fim, a análise da narrativa da mulher *trans*.

Todo o trabalho enaltece a narrativa da mulher *trans* em questão, deixando evidente que ela é um indivíduo em constante *transformação*, bem como o seu corpo. Nessa direção, fica clara a atuação da lei simbólica na materialização da performatividade de gênero da mulher em questão.

GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE E A VISÃO DE JUDITH BUTLER

O gênero como uma categoria de análise social tem sua concepção nos estudos feministas, que buscaram desassociar sexo e gênero. Atribuindo ao gênero uma construção social e ao sexo um caráter biológico. Em meio a essa emergência enquanto categoria de análise social, diversas estudiosas e estudiosos buscaram empreender pesquisas que dessem conta do conceito de gênero assim como se dá a sua construção, ou seja, os elementos e condicionantes que circundam esse dispositivo.

O conceito de gênero emergiu na chamada segunda onda do feminismo e ganha um lugar de destaque no movimento, uma vez que o conceito carrega forte apelo político. E em meio a efervescência dos acontecimentos que circundavam o nascimento do conceito e o “[...] debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero (LOURO, 2018, p. 19).” Seguindo tal rota, a palavra “gênero” ganhou destaque no campo acadêmico e começou a fazer história, pois, de acordo com Scott, “[...] as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (SCOTT, 1995, p. 71).

É notório que os estudos feministas distinguiram gênero e sexo, trazendo a discussão para dentro do campo da linguagem também e, sendo assim,

Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a – ou complementava – noção de sexo e pretendia referir-se a comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado (MEYER, 2019, p. 17).

Judith Butler (2019a; 2019b; 2019c), filósofa estadunidense, é reconhecida como uma das principais autoras da teoria *queer*, teoria essa que discute a construção social do gênero e das sexualidades. Ela trabalha ainda com a ideia de sujeição, explicando como o sujeito passa pelo processo de sujeição. Assim, Butler (2019c) descreve que o sujeito se constitui pela exclusão e pela abjeção e, segundo a filósofa,

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2019c, p. 197).

Entendemos, portanto, que abjeto, concepção da autora, se trata do que não se encaixa no padrão heterossexual. Além disso, Butler (2019c) descreve que, da constituição do sujeito, espera-se uma identificação com as normas do sexo, essa identificação vai passar pelo repúdio, esse repúdio produz um domínio daquilo que se considera abjeto, onde o sujeito vai emergir (BUTLER, 2019c). Desta forma, o sujeito só se torna sujeito quando assume um sexo permeado pelos discursos da matriz heterossexual. Denotando, que qualquer indivíduo que não assuma essa matriz excludente, não é considerado sujeito e, por fim, é posicionado no campo do abjeto.

As questões de formação do sujeito e materialização dos corpos estão imbricadas, nessa lógica, Butler (2019a) vai abordar a materialização dos corpos a partir da atuação da lei simbólica, bem como a atuação na materialização da performatividade do gênero e de sexo. Consequentemente, a autora, afirma que a construção do gênero passa pela performatividade, que é a prática reiterada de ações, discursos e normas (BUTLER, 2019b). Para tanto, a performatividade do gênero exerce influência sobre o sexo e, desta forma, “[...] como efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritualizada, o sexo adquire seu efeito naturalizado” (BUTLER, 2019a, p. 29).

Butler (2018) elucida que a performatividade está ligada ao campo da linguagem e, dessa maneira, através de enunciados ela traz um fenômeno ou algo à existência. Sendo assim, a linguagem age como uma forma de poder. Esses enunciados permitem que se construam uma performatividade acerca do gênero, identificando-o como legítimo.

Ainda assim, sabendo que há uma abjeção de determinados corpos, de acordo com Butler (2018) “[...] o gênero é induzido por normas obrigatórias que exigem que nos tornemos

um gênero ou outro (geralmente dentro de um enquadramento estritamente binário)” (BUTLER, 2018, p. 39).” Portanto, percebe-se que a construção de uma performatividade de gênero passa por uma aprovação daquele tipo de gênero que é passável ou aceito pelo grupo social. Ainda nessa toada, a autora vai conceber o que chama de “ética da coabitação”, onde são aceitos apenas corpos ou gêneros que se enquadram nos padrões performativos que a sociedade criou através dos enunciados (BUTLER, 2018).

A autora afirma, ainda, que a produção da categoria gênero está perpassada por outras categorias, “[...] porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (BUTLER, 2019b, p. 21). Sugestionados por essas afirmações, apreendemos do pensamento de Butler (2019c) a noção de materialização dos corpos que, para a autora, se contrapõe à noção de construção. Diz a autora, que esse “[...] processo de materialização [...] se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície – daquilo que nós chamamos matéria” (BUTLER, 2019c, p. 208). Butler (2019a) vai esclarecer, também, que a materialidade do sexo é determinada no discurso, onde poderia produzir “sexos” excluídos e deslegitimados. Esse discurso atua sob influência de uma lei simbólica, que Butler (2019a) chama de “lei do sexo”. Tal lei tem um caráter heterossexual e heteronormativo, onde vai atuar na materialização dos corpos, sendo assim, os corpos daqueles que são sujeitos devem obedecer a essa lei simbólica para ganhar *status* de importância e passabilidade na sociedade (BUTLER, 2019a).

CIRURGIAS DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

O corpo não é mais uma peça estática e imutável como se pensou durante muito tempo. O ser humano encontrou formas de muda-lo, adapta-lo a uma nova realidade ou, de acordo com a sua vontade; a biologia deixou de ser um determinante. Embora tenha reflexos negativos, a cirurgia de redesignação sexual provoca impactos muito positivos na vida de mulheres *trans*. Uma vez que a mudança na morfologia do corpo é algo que significa uma forma de adequação do pensamento ao físico. Assim, o número de cirurgias de redesignação no Brasil tem crescido bastante nos últimos anos.

O Conselho Federal de Medicina e o Ministério da Saúde definem alguns critérios para a realização desse procedimento, como o acompanhamento por uma equipe composta por psiquiatra, médico cirurgião, psicólogo, endocrinologista e assistente social. Além disso, na Resolução CFM nº 1.955/2010 define:

Art. 3º Que a definição de *transsexualismo* obedecerá, no mínimo, aos critérios abaixo enumerados:

- 1) Desconforto com o sexo anatômico natural;

- 2) Desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
- 3) Permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
- 4) Ausência de outros *transtornos* mentais (Grifos nossos).

Recentemente, no estado do Espírito Santo, mais precisamente em 2013, foi desenvolvida pela Universidade Federal do Espírito Santo, no Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (HUCAM) – hospital referência no estado para esse tipo de procedimento –, uma técnica inovadora nesse processo, que também é chamado de cirurgia de mudança de sexo. Essa técnica recebeu o nome de Cirurgia de *Transgenitalização* do Masculino para o Feminino com Preservação dos Corpos Cavernosos, pela equipe do professor de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, Jhonson Joaquim Gouvêa.

Segundo Gouvêa, que também é coordenador do Programa de *Transgenitalização* no Espírito Santo, “os pacientes passam por avaliação endocrinológica, ginecológica, psiquiátrica e social por, no mínimo, dois anos, até serem liberados para o procedimento cirúrgico. Como é um processo irreversível, ele deve ser muito bem acompanhado e avaliado” (MARCHIORI, 2013).

De acordo com Prest (2018), a primeira cirurgia de redesignação sexual realizada no Espírito Santo foi em 1998, pelo cirurgião Ariosto Santos e de lá para cá, até o ano de 2018, foram realizadas cerca de 60 cirurgias de redesignação sexual no estado, desse total, mais de 70% foram realizadas pelo Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (HUCAM), tendo em vista que no estado do Espírito Santo esse tipo de procedimento é realizado apenas pelo Vitória Apart Hospital, na Serra, e pelo Sistema Único de Saúde (SUS), no HUCAM.

Em 2019, no último Contrato de Convênio do HUCAM com o Governo do Espírito Santo, estimava-se que seriam realizadas, pelo menos, uma cirurgia desse tipo por mês. Para esse tipo de cirurgia, era investido o valor de R\$ 14.229,30.

Dessa maneira, é possível perceber que o Sistema Único de Saúde exerce um papel fundamental para o desenvolvimento das cirurgias de redesignação sexual, fazendo com que o Estado cumpra seu papel em garantir o bem-estar da população. E, como garantir o bem-estar da população se lhes são negados direitos mínimos como o de adaptar o seu corpo à mente?

“O DOCE AMARGO DE SER”

Análises de narrativas como uma estratégia metodológica assume um lugar importante para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Assim, Larrosa (2004), atesta que a experiência está imbricada à narrativa e, ao narrar sua história, cada indivíduo expõe

sua experiência. Portanto, entendemos a análise de narrativa como um campo fértil à produção teórica. Com base nisso, Bianca narrou sua história de forma escrita e, dessa maneira, foi feito o estudo.

A frase que intitula esse capítulo diz respeito ao pensamento de Bianca Santos da Silva, mulher *trans*, autora e partícipe da pesquisa, de 34 anos, que ao definir o seu processo de *transição*, descreve:

Chamo o início da minha transição sexual de doce amargo: doce, pois estava iniciando um sonho de adequar meu corpo a minha mente, amargo, pois era hostilizada, agredida verbalmente e fisicamente.²

Diante dessa fala, podemos notar a satisfação da mulher *trans* em adequar seu corpo à mente, mas, notamos como ela se tornou um gênero abjeto (BUTLER, 2019a) diante à sociedade que não concebe uma produção de gênero dissociada do padrão binário e biológico.

Segundo dados da Pesquisa sobre Mulheres *Transexuais*, Homens *Transexuais* e Travestis do Instituto Jones dos Santos Neves, mais de 46,3% das mulheres *trans* da Grande Vitória já realizaram um implante de mamas, e 33,7% pretendem fazer a cirurgia. Uma vez que adequar o corpo ao feminino passa pelo implante da mama. Essa preocupação também esteve presente na vida de Bianca, que relata:

Meu maior pesadelo foi na adolescência. Os seios, sinônimo feminino, era uma tortura ver que meu corpo não mudava, me tornei uma usuária de roupas pretas que refletia como me sentia.

Ainda pensando sobre *transformações* no corpo, deve-se esclarecer que o corpo é marcado por poder, discursos e historicidade (BUTLER, 2019b). Ademais, a necessidade de “alterar, aperfeiçoar, punir, embelezar, cuidar do corpo são práticas recorrentes na história da humanidade e expressam diferentes valores culturais” (FIGUEIRA, 2013, p. 125). Dentro da narrativa de Bianca, ela deixa evidente que iniciou uma busca pelas mudanças no corpo, afirmando que:

Na busca de adequação comecei minha hormonioterapia por conta própria, a busca por um corpo feminino fazia com que eu usasse doses exacerbadas de hormônio feminino que causava vários efeitos colaterais.

Bianca descreve o início do seu processo de reconhecimento como mulher e como a família aceitava enquanto um homem gay, narrando:

Comecei minha transição quando tinha 23 anos de idade, minha família me aceitava como gay, me vestir de forma feminina era visto como uma agressão a minha família. Desde criança apresentava traços femininos, a primeira vez

2. A utilização de texto com recuo 4cm, justificado a direita, fonte 12 e em itálico, refere-se à fala da participante da pesquisa.

que vi minha mãe sem roupa, notei que meu corpo era diferente, acreditava na magia dos sonhos, nas orações diárias ao dormir, acreditava que orando acordaria com corpo diferente.

De acordo com essa fala, notamos que os sujeitos são inscritos em um reforçamento binário do que parece ser positivo ou negativo para meninos e meninas, para mulheres e homens em determinados espaços sociais (ANDRADE, 2013). Nesse sentido, para reforçar essas estruturas binárias e materialização do corpo dentro dessas estruturas, é trazido à tona a “lei simbólica do sexo” de acordo Butler (2019a), que “[...] será uma espécie de citacionalidade, a aquisição do ser mediante a citação do poder, uma citação que estabelece uma cumplicidade originária com o poder na formação do ‘eu’” (BUTLER, 2019a, p. 39 – grifos da autora).

Compreendemos aqui, também, que entra evoca-se a “ética da coabitação” anunciada por Butler (2018), tendo em vista que enquanto se adequava a um padrão de performatividade de gênero passável ou aceitável, Bianca era melhor aceita pelo seu meio social. Quando ela rasura o imaginário social a respeito da performatividade, construído por enunciados que reforçam padrões binários, sua aceitação adquire outra conotação ou, até mesmo, a rejeição, colocando-a no campo do abjeto, do corpo que não pode coabitar com os demais que se encaixam nos padrões enunciativos.

Para Butler (2019b), o gênero é uma construção social com marcadores específicos que remetem a um padrão heteronormativo, que se materializa com a imposição “lei simbólica do sexo” (BUTLER, 2019a). Sendo assim, os corpos e gêneros adquirem caráter de abjetos na sociedade a partir do momento que se adequam a essa lei. Tais afirmativas se confirmam na fala de Bianca no momento em que ela relata sua condição pós-cirúrgica:

A sociedade cobra um padrão heteronormativo. Quando me encaixei em um padrão socialmente aceitável. Passei a ser tratada de forma diferente, lógico que todos os processos me levaram a ter autoconfiança.

No entanto, apesar de sua autoconfiança, a narradora deixa evidente que foi um processo longo e doloroso em diversos aspectos. A começar pela adolescência período de enormes dificuldades para ela. E, assim, ela expõe:

Vivi 23 três anos da minha vida vegetando, viver não tinha sentido, aos 18 anos fui assombrada por planejamento de suicídio, sentia tanta dor psicológica que não tinha sentido viver, dos 20 aos 23 anos de idade, foram três tentativas sem sucesso, a partir disso nasceu a Bianca, ela me trouxe vida, vontade de viver.

O seu processo de *transição* ganha forma quando Bianca procura o Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes na Grande Vitória. Lá, segundo ela mesma, ela passa por um atendimento especializado no ambulatório. E, desse jeito, ela diz: “No que se refere a pontos positivos o ambulatório *trans* proporciona atendimentos tais como:

psicoterapia, psiquiatria, urologia, ginecologia e atendimento social que julgo de excelente qualidade”. Para tanto a fim de realizar seu desejo de adequar seu corpo com a sua identidade de gênero, era necessário algo mais, e a respeito disso, explana:

Em 2015, por conta própria, fui até o hospital das clínicas; fui atendida pelo serviço social e fiquei aguardando vaga. No dia 15 de setembro de 2016 iniciei tratamento no hospital das clínicas, em 09 de junho de 2017 fiz a cirurgia de redesignação sexual, cirurgia essa que teve erro médico precisando fazer uma segunda cirurgia no dia 23 de novembro de 2018. Sofri negligência por parte do município onde resido, pois não me direcionou para caminhos que eu pudesse ter atendimentos especializados, no que se refere ao hospital das clínicas tive que entrar na justiça para fazer a cirurgia corretiva.

A partir dessa narrativa, é perceptível que a busca pela identidade permeou a vida de Bianca. Essa identidade diz respeito à adequação do corpo, que ao atingir um determinado *status*, ganhou passabilidade na sociedade. E, à vista disso, “pensar o próprio corpo é pensar a si mesmo, a identidade de cada um de nós” (FIGUEIRA, 2013, p. 125). A sua vida num momento pós-cirúrgico, em que seu corpo se adequou à mente, fez com que ela passasse da vergonha para o orgulho de si. E, ela sentencia:

Tenho tanto orgulho da mulher que me transformei. Amo ser uma transexual, tenho orgulho disso. A ovelha negra da família trilhou caminhos que hoje minha família tem orgulho, efetiva, graduada, uma pessoa do bem.

Bianca assume-se por inteiro e *transforma-se* numa mulher forte, equilibrada e que, apesar dos reveses da vida, caminhou firme, investindo em si, consciente de que esse processo é contínuo. Por isso, *transborda* alegria, *transgride* a tristeza e *transita* por onde quer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste trabalho traçar, inicialmente, um contexto de surgimento do gênero enquanto categoria de análise científica por parte das Humanidades. Tendo em vista que a produção de conhecimento a respeito desse tema, era reservada às Ciências Biológicas, em especial, à medicina. Que produziu discursos deterministas e binários sobre a identidade de gênero. Foi preciso romper com esse tipo de pensamento para garantir a representatividade e subjetividade de indivíduos que não se enquadram nesses padrões construídos por discursos e pelo poder.

Neste trabalho analisou-se a narrativa da história de uma mulher *trans* que passou pelo seu processo de *transição*. Deixando em evidência suas dores e o “doce amargo de ser”, demonstrando, ainda, que corpos não adequados ao poder e aos discursos vigentes na sociedade heteronormativa assumem um caráter de abjeção, conforme Judith Butler, pois, rompem com a “lei simbólica do sexo”.

Bianca *transgrediu* essa “lei” e buscou, com sua narrativa, lançar luz sobre esse tema. Evidenciando que o corpo pode se insurgir contra os marcadores socialmente produzidos e materializar seu corpo a partir da sua perspectiva e percepção enquanto um sujeito dotado de subjetividade, desejos e, acima de tudo, humanidade.

Não pretendemos esgotar as reflexões sobre narrativas e realidades de sujeitos *trans*. Objetivamos lançar luz e possíveis novas discussões sobre essa temática que é tão rica em nuances e possibilidades, tendo em vista que a construção da subjetividade passa, também, por experiências individuais e, portanto, cada sujeito, a partir de suas experiências e *transições*, pode trazer um novo debate.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Mídia impressa e educação de corpos femininos**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; FOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ, p. 109-123, Editora Vozes, 2013.

BRASIL. **Resolução nº 1.955, de 3 de setembro de 2010**. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.652, de 2 de dezembro de 2002. Diário Oficial União, 2010.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Verônica Daminelli e Daniel Yago Fraçoli. São Paulo: Crocodilo, 2019a.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

_____. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, p. 191-219, Autêntica Editora, 2019c.

COUTINHO, Danieleh. **Primeira cirurgia de mudança de sexo do Espírito Santo completa 20 anos**. ES hoje. Disponível em: < <https://eshoje.com.br/primeira-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-do-espírito-santo-completa-20-anos/> >. Acesso em 06 de out. 2020.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **A revista *Capricho* e a produção de corpos adolescentes femininos**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; FOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ, p. 124-135, Editora Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.





MARCHIORI, Hélio. **Ufes possui técnica inédita no mundo para cirurgia de mudança de sexo**. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: < <https://www.ufes.br/conteudo/ufes-possui-t%C3%A9cnica-in%C3%A9dita-no-mundo-para-cirurgia-de-mudan%C3%A7a-de-sexo> >. Acesso em: 06 de out. 2020.

SANCHOTENE, Diná; SILLVA, Guilherme; PERIM, Mariana; GONÇALVES, Siumara. **Cirurgia de redesignação sexual no Brasil chega a custar R\$ 45 mil**. Gazeta Online. Disponível em: < <https://www.agazeta.com.br/economia/cirurgia-de-redesignacao-sexual-no-brasil-chega-a-custar-r-45-mil-0618> >. Acesso em 06 de out. 2020.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.1-30, jul./dez. 1995.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br







Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

